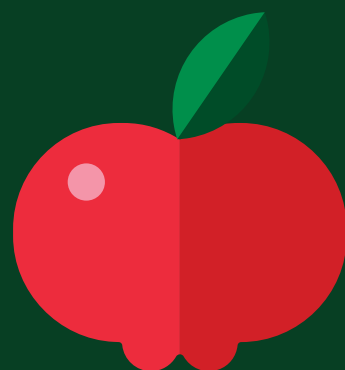
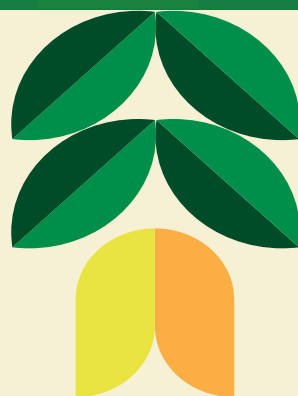
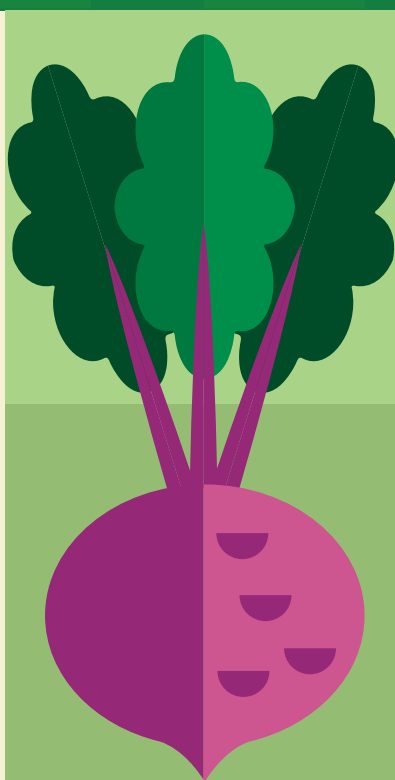
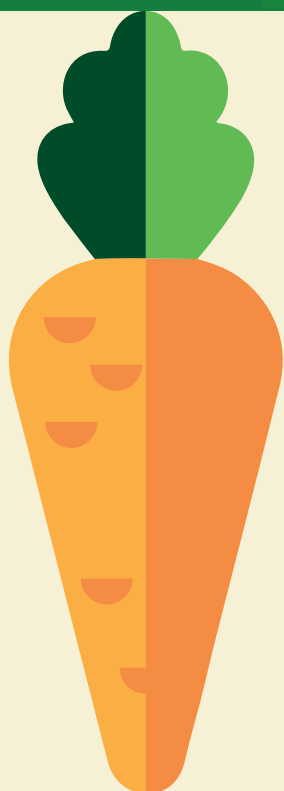


Relatório do Estado das Culturas e Previsão de Colheitas

Unidade de Desenvolvimento Rural e Agroalimentar
Divisão de Programas e Avaliação Agrícola





1 – Estado do tempo e sua influência na agricultura.

Nas **zonas do litoral**, o mês foi fresco e chuvoso. As temperaturas variaram entre frias a amenas. A precipitação ocorreu ao longo do mês, por vezes com grande intensidade e acompanhada de ventos fortes, provocando o encharcamento dos solos nos terrenos de cotas mais baixas, impedindo a entrada das máquinas agrícolas, bem como o pastoreio direto. Nos terrenos de cotas mais altas já se deu início à preparação dos solos para as próximas sementeiras e plantações das culturas hortícolas e terminaram-se as sementeiras dos cereais praganosos. Realizam-se as podas das vinhas em zonas habitualmente não afetadas por geadas. De modo geral o estado do tempo resultou benéfico sobretudo para as culturas de outono/inverno.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, o mês pautou-se por períodos de chuva distribuídos por todo o mês, além de longos períodos de nebulosidade, intercalados por alguns dias de céu limpo. As temperaturas foram distintas do anterior mês, sobretudo as temperaturas mínimas, que aumentaram, tornando os dias mais amenos. Este é um período de importantes alterações na agricultura, com a quebra de dormência de várias culturas. O olival reiniciou a atividade vegetativa, que se encontrava inibida pelas baixas temperaturas, marcando assim o início do seu ciclo anual. Também a família dos citrinos já iniciou um novo período vegetativo,

sendo visíveis os novos brotos. As variedades mais temporãs de amendoeiras, damasqueiros, pessegueiros e ameixeiras, já iniciaram a floração. Esta fase que tem coincidido com largos períodos de chuva, poderá ficar condicionada, sendo naturalmente um factor determinante na futura produção. A cultura da nespereira – presente na maior parte das explorações agrícolas (mas apenas numa perspectiva de consumo do respectivo núcleo familiar) segue no estado fenológico “Desenvolvimento do Fruto – fruto com 50% do tamanho final”. Pese embora os vários períodos de chuva desde a floração, o vingamento decorreu favoravelmente e a carga de fruto parece ser superior ao ano transacto, embora sempre com a doença do pedrado presente. O medronheiro já apresenta o fruto vingado, sendo ainda precoce uma estimativa da quantidade de fruto face ao ano transacto. Nas pastagens e forragens, foi um mês favorável ao desenvolvimento de matéria vegetal. Seguem as queimadas de sobranes agrícolas, os tratamentos fitossanitários de prevenção e as podas de inverno, sobretudo na vinha e olival. A ocorrência de geadas tardias é um risco nas podas mais precoces.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, os primeiros vinte (20) dias de fevereiro foram amenos, até quentes para a época, e chuvosos condicionando as actividades agrícolas, como sejam as podas e os tratamentos fitossanitários preventivos. Os restantes dias do mês caracterizaram-se por serem frios, tendo ocorrido neve e geadas. Dado o desenvolvimento



das batatas de sequeiro, e a floração precoce das prunóideas, é provável que estas culturas tenham sido afectadas pela geada, embora ainda não se consigam observar os danos.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, fevereiro apresentou temperaturas baixas, no entanto, normais para a época, com temperatura média entre os 7º e os 10ºC e a nebulosidade permaneceu basicamente constante. A precipitação ocorreu de forma normal, em número reduzido de dias no mês e com menos precipitação em relação ao mês anterior, porém, o suficiente para beneficiar as culturas e não prejudicar os trabalhos agrícolas. As condições meteorológicas permitiram a preparação dos solos, para as plantações e sementeiras de primavera-verão e a realização das actividades agrícolas como as podas e os tratamentos fitossanitários preventivos.

No Pinhal Sul, o mês caracterizou-se, por temperaturas amenas para a época, com as médias das temperaturas máxima nos 14,92ºC; as médias das mínimas nos 6.56ºC e as médias das temperaturas médias nos 10,74ºC. As temperaturas registadas foram idênticas às de 2024. A pluviosidade registada teve uma média acumulada de 120,39 mm, tendo o histórico da pluviosidade, na região uma média de 69,04 mm. Na região registou-se um excedente da pluviosidade média em 21,35 mm, no mês de fevereiro relativamente ao histórico. As temperaturas amenas, com a pluviosidade ocorrida e baixas amplitudes térmicas, contribuíram para o desenvolvimento vegetativo dos cereais de pravana, pastagens naturais e

consociações forrageiras, contribuindo para o aumento da capacidade de pastoreio animal.

Nas **zonas do interior**, o mês de fevereiro caracterizou-se por temperaturas dentro dos valores normais para a época do ano e mais baixos comparativamente a igual período do ano anterior. Verificaram-se temperaturas negativas, geada, neblinas e nevoeiro matinal. A precipitação esteve distribuída ao longo do mês e em menor quantidade do que no mês anterior. Em geral, as condições climáticas permitiram o desenvolvimento normal das culturas. Algumas variedades de prunóideas já iniciaram o desenvolvimento vegetativo. Os reservatórios de água encontram-se com bons níveis de armazenamento; cheios ou perto de atingirem a capacidade máxima.

Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, o estado de tempo verificado não favoreceu o desenvolvimento das diversas culturas, devido ao frio.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, o mês pautou-se por apresentar no geral, temperaturas diurnas acima dos valores médios para a época, temperaturas mínimas por vezes abaixo dos valores normais, nalgumas noites, assim como, precipitação repartida ao longo do mês. As temperaturas registadas, associadas à precipitação, em alguns períodos mal repartida, acentuaram problemas de erosão nas terras de sementeira mais altas, onde as culturas cerealíferas ou forrageiras ainda não se encontravam totalmente ou em parte germinadas e enraizadas, assim como, a continuação dos encharcamentos nas terras

mais baixas. Nas fruteiras as podas estão finalizadas e efectuam-se os respectivos tratamentos preventivos de inverno e de início da actividade vegetativa.

No Anexo I, apresenta-se quadro com alguns valores da precipitação acumulada, número de dias com precipitação e de temperaturas médias registadas durante o mês de fevereiro em algumas das Estações Meteorológicas do Ministério da Agricultura e de outros Organismos instaladas na região centro.

No Anexo II, apresenta-se quadro com valores referentes aos níveis de armazenamento de água nas albufeiras dos aproveitamentos hidroagrícolas do Grupo IV, na região centro, no final do mês de fevereiro.



2 – Fitossanidade: pragas e doenças, intensidade e frequência dos ataques; oportunidade e eficácia dos tratamentos efectuados; prejuízos causados para além do normal.

No que respeita aos factores bióticos, de um modo geral, a grande maioria das culturas quebrou a dormência e iniciou o seu ciclo anual. As condições meteorológicas verificadas durante o mês foram desfavoráveis ao aparecimento/desenvolvimento de algumas pragas e doenças nas culturas. Todavia, algumas culturas apresentaram problemas, evidenciando-se os seguintes casos:

- No Pinhal (**zona de transição**), já se efectuam tratamentos para o pedrado da nespereira. Referência também para os citrinos, que estão distribuídos um pouco por toda a área, e já vão numa fase avançada da colheita (com excepção das laranjeiras mais serôdias), tendo-se identificado alguma fruta com picada de mosca-do-mediterrâneo ou mildio. As perdas não causam grande impacto ao produtor.
- No Pinhal Sul (**zona de transição**), nos citrinos, as condições climáticas foram propícias a ataques de mildio, que provocam a queda dos frutos. Nos olivais, as temperaturas amenas verificadas e a pluviosidade ocorrida, proporcionaram condições favoráveis ao desenvolvimento do olho-de-pavão.

Relativamente aos factores abióticos, não se registaram outros prejuízos para além do normal nas culturas, destacando o caso, sobretudo no Pinhal (**zona de transição**), onde continuam os ataques de espécies cinegéticas.

A título informativo, no Pinhal Sul (zona de transição) os pessegueiros estão no estado fenológico “C”



Cálice á vista, próximo do abrolhamento do botão terminal, altura que deve ser efetuado o primeiro tratamento preventivo, contra a lepra; as cerejeiras encontram-se no estado fenológico “B” Botão inchado; as pomóideas (macieiras e pereiras) encontram-se no estado “B” Botão inchado, os fruticultores vão iniciar os tratamentos contra as formas hibernantes de insectos e ácaros com óleo de verão; as vinhas já estão podadas, o estado fenológico na região é o “B” Gomo de algodão, altura para se fazerem tratamentos contra as formas hibernantes de insectos e ácaros.

Os tratamentos (preventivos/curativos) ou o conjunto de medidas culturais aconselhadas ao longo do mês de fevereiro para as diferentes culturas, a merecer realce nos Avisos Agrícolas das Estações de Avisos da D.G.A.V. para a área de actuação da CCDRC, foram:

Batateiras – áltica-da-batateira (*Epitrix spp.*).

Citrinos – mildio ou aguado dos citrinos (*Phytophthora spp.*), alternariose (*Alternaria citri*), antracnose (*Colletotrichum gloeosporioides/ Glomerella cingulata*).

Controlo de infestantes.

Informação sobre correcção/manutenção e fertilidade do solo.

Olival – caruncho, olho-de-pavão.

Pequenos frutos (mirtilo) – recomendamos a realização de um tratamento com um produto

à base de cobre após a poda e antes do abrolhamento, pulverizando bem o tronco e os ramos.

Pomóideas (macieiras/pereiras) – formas hibernantes de insectos e ácaros: aranha-vermelha (*Panonychus ulmi*), cochonilha de São José (*Quadraspidiotus perniciosus*), pulgão lanígero (*Eriosoma lanigerum*) e/ou afídeos (várias espécies), cancro-europeu-da-macieira (*Neonectria ditissima*), pedrados (*Venturia spp.*); broca-dos-ramos (*Zeuzera pyrina*), xyleboros (*Xyleborus sp.*), cancro-europeu-da-macieira (*Neonectria ditissima*), psila-da-pereira, moniliose; a poda (tem como principais objectivos alterar a forma da árvore, controlar o vigor e promover a sanidade da planta) como medida cultural.

Prunóideas (cerejeiras, pessegueiros, outras) – nos pessegueiros: lepra; nas cerejeiras e pessegueiros: cilindrosporiose, crivado, moniliose, cancro-bacteriano (*Pseudomonas syringae*), formas hibernantes de insectos, ácaros e cochonilhas.

Vinha – cuidados com a aquisição de novas plantas, formas hibernantes de insectos e ácaros, doenças-do-lenho [(nesta designação genérica incluem-se doenças como a esca (várias espécies), a escoriose-europeia (*Botryosphaeria spp.*) e a escoriose-americana (*Phomopsis viticola*), a eutipiose (*Eutypa lata*), a doença-de-Petri (*Phaeoacremonium spp.*) e o pé-negro-da-videira (*Cylindrocarpon spp.*)], cochonilha-algodão (*Planococcus spp.*).



3 – Prados, pastagens e culturas forrageiras: estado vegetativo das pastagens de sequeiro, prados de regadio e forragens anuais; condições de alimentação das diferentes espécies pecuárias, importância do contributo de forragem verde, fenos, silagens e rações industriais relativamente a igual período do ano anterior.

Nas **zonas do litoral**, de um modo geral, as condições meteorológicas verificadas ao longo do mês vieram permitir o bom desenvolvimento destas culturas. Apresentam-se verdejantes, bem desenvolvidas, com um crescimento vegetativo a variar de regular (Baixo Vouga, Pinhal Litoral) a irregular (Baixo Mondego).

Nos terrenos de cotas mais baixas, os solos continuam encharcados, as plantas não se desenvolvem devido a asfixia radicular e a alimentação animal por vezes é completada com base em alimentos armazenados e reforçada com concentrados. Nos terrenos de cota mais alta as plantas desenvolveram-se permitindo a prática do pastoreio directo.

A alimentação animal foi maioritariamente realizada tendo por base a matéria verde disponível nos pastos (pastoreio directo), complementada com silagem de milho, fenos e palhas e menor administração de rações.

Nas **zonas de transição**, o mês foi favorável ao desenvolvimento de matéria verde (dias mais longos que no passado mês, manteve-se a humidade nos solos e aumento das temperaturas mínimas).

No Pinhal, nas forragens à base de azevém, já se planeia o primeiro corte, enquanto noutras forragens – sobretudo à base de aveia – se avalia a necessidade ou não de adubação. As pastagens bem drenadas têm permitido o pastoreio. Algumas à base de azevém e leguminosas, servem nesta fase ao pastoreio extensivo, mas, posteriormente ficarão reservadas à produção vegetal e consequente corte para feno. Já em terrenos encharcados, tem sido evitado o pastoreio dos animais, devido aos danos que o pisoteio provoca quer nas plantas quer no próprio solo (compactação).

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, as culturas pratenses e forrageiras manifestaram um comportamento de primavera, com crescimentos elevados para a época. O pastoreio faz-se sem limitações, e o consumo de feno e de rações industriais, foi reduzido ao mínimo.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, o mês foi favorável ao desenvolvimento das culturas anuais, prados, pastagens e culturas forrageiras, apresentando as mesmas, um bom estado de desenvolvimento vegetativo e quantidade normal para a época do ano. A precipitação ocorrida e a humidade dos solos favoreceram um bom desenvolvimento das pastagens permanentes espontâneas. As condições meteorológicas foram favoráveis à mobilização dos solos para preparação das sementeiras.

No Pinhal Sul, as temperaturas amenas e uma pluviosidade moderada durante o mês, proporcionaram um bom crescimento vegetativo nos prados e nas consociações forrageiras. Os campos encontram-se verdejantes, proporcionando pastagem naturais e semeadas para a alimentação dos efectivos pecuários. Na região também existem alguns produtores, que têm os animais estabulados e os alimentam com forragem verde (cortada), fenos e rações.

Nas **zonas do interior**, de uma forma geral, as condições climáticas verificadas proporcionaram um bom desenvolvimento vegetativo das culturas forrageiras e pastagens semeadas e espontâneas, proporcionando boas condições alimentares aos animais em pastoreio. A alimentação dos efectivos é feita em grande parte recorrendo ao pastoreio directo, complementada com fenos e palhas, disponibilizando-se o recurso a rações e outros alimentos conservados, nos casos de animais com vocação produtiva de leite ou animais de engorda.

Nas zonas homogêneas da Cova da Beira e da Serra da Estrela, as condições climáticas verificadas proporcionaram o crescimento vegetativo dos prados e pastagens temporários e permanentes de sequeiro ou de regadio, naturais ou semeados. A germinação nos prados de sequeiro e de regadio que têm vindo a ser instalados e das culturas forrageiras de outono/inverno, foi mais lenta devido à diminuição da temperatura dos solos, ao acentuado arrefecimento nocturno e a encharcamentos localizados nas terras de cotas inferiores. Exceptuando-se casos em que foi necessário recorrer a maior quantidade de alimentos conservados ou rações, de um modo geral, o recurso a estes alimentos foi inferior a igual período do ano transacto.

4-a - Sementeiras de cereais praganosos: como decorreram; como germinaram; aspeto vegetativo das searas, variação das áreas semeadas relativamente ao ano anterior; motivos de variação, caso se tenha verificado.

Nas **zonas do litoral**, as sementeiras estão concluídas no Baixo Mondego e no Pinhal Litoral e decorrem no Baixo Vouga. As sementeiras mais recentes apresentam boa germinação, algo irregular as que se iniciaram mais cedo. Estima-se que as áreas semeadas sejam idênticas ao ano anterior no Baixo Mondego e no Pinhal Litoral.

No Baixo Vouga, nas parcelas de cota mais baixa as condições meteorológicas e hidrológicas condicionaram a mobilização do solo para a preparação das sementeiras. Prevê-se uma ligeira diminuição na área de sementeira de trigo e tritcale, e consequentemente uma diminuição na sua produção, devido à descida da sua cotação no mercado, semelhante ao ano da invasão da Ucrânia, o qual não cobre as despesas de produção.





Nas **zonas de transição**, e de um modo geral, as culturas cerealíferas encontram-se com bom aspecto vegetativo.

No Pinhal, a permanência dos ataques de espécies cinegéticas reflecte-se na diminuição de áreas semeadas das culturas cerealíferas. A este factor aliou-se o encharcamento nos solos durante o período habitual de sementeira.

Quer no Alto Mondego quer na Beira Serra, os campos observados denotam uma maior presença de infestantes do que é habitual. As áreas semeadas são idênticas ao ano anterior no Alto Mondego, enquanto que na Beira Serra é semelhante ao ano transacto no caso do trigo e cevada, e superior no caso do centeio.

Tanto no Alto Dão-Lafões como no Baixo Dão-Lafões, as searas apresentam boa germinação e bom crescimento. De um modo geral, estima-se que as áreas semeadas sejam idênticas ao ano anterior, verificando-se alguma quebras, no Alto Dão Lafões, nas áreas das culturas triticales (-10%) e cevada (-10%). Alguns agricultores preferem cultivar outros cereais mais tradicionais, mais resistente às condições climáticas, mais rentáveis e com custo inferior.

Nas zonas homogéneas do Pinhal Sul, os cereais de praga nesta altura apresentam um bom desenvolvimento, mas verificou-se um decréscimo da área em 20%, em relação a 2024. Os agricultores semearam na maioria cereais praganos em consociação, com destino a forragens para alimentação animal. Os agricultores queixam-se que não conseguem produzir cereais para grão, devido a uma grande quantidade de javalis, que destroem diversas culturas, nos quais estão englobados os cereais de praga, na fase do enchimento do grão.

Nas **zonas do Interior**, as sementeiras decorreram normalmente em todas as zonas homogéneas, com boas germinações e as searas apresentam um bom desenvolvimento vegetativo, favorecido pelas

condições climáticas adequadas ao seu normal desenvolvimento. No que concerne às áreas semeadas houve um comportamento distinto dependendo das zonas homogéneas. Quer em Riba Côa quer em Cimo Côa, estima-se que as áreas semeadas sejam sensivelmente as mesmas do ano anterior.

Na Campina e Campo Albicastrense, nos últimos anos, existe tendência de diminuição da área semeada, privilegiando-se a produção de forragens de cereais.

Tanto na Serra da Estrela como na Cova da Beira, houve um incremento das áreas semeadas de centeio e aveia, em cerca de 30%, e nos restantes cereais as áreas são semelhantes ao ano anterior.

5-c – Pomares de citrinos: estado vegetativo; produção, quanto aos aspectos de qualidade e quantidade.

Nas **zonas do litoral**, as distintas zonas homogêneas não se apresentam como regiões de produção e expedição de citrinos, por excelência, contudo, existe produção no âmbito de agricultura familiar, encontrando-se na fase de colheita.

No Baixo Vouga e no Baixo Mondego, os citrinos apresentam frutos bem formados e de bom calibre. A produção é semelhante ao ano transato, em qualidade e quantidade.

No Pinhal Litoral, identificam-se frutos picados e a presença de míldio ou aguado, devido às condições de tempo frio e húmido que se fez sentir em fevereiro. Estima-se uma produção idêntica ao ano anterior.

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, os citrinos já iniciaram um novo período vegetativo, sendo visíveis os novos brotos e até alguma floração. As variedades mais comuns de tangeras, clementinas, laranjas de umbigo, limas e tangerinas (exceto a variedade encore que é mais serôdia), encontram-se em fase final da colheita. Algumas variedades serôdias de laranja ainda não atingiram o estado ideal de maturação. O limão, que tem um período alargado de colheita, encontra-se em produção, alguma dela afetada pela mosca-do-mediterrâneo (as picadas são visíveis) e por ataques de míldio, situações comuns a outros anos. No entanto, atendendo a que a produção (abundante) destina-se ao autoconsumo, as perdas ocorridas causam pouco impacto ao produtor.

Tanto no Alto Mondego como na Beira Serra, embora continuem a cair muitos frutos, a produção, em termos qualitativos e quantitativos,

é superior à do ano passado.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, de entre as várias espécies de citrinos, a laranja é a mais importante e presente em ambas as regiões, mas ainda assim, pouco representativa. A produção foi inferior ao ano transato, mas de boa qualidade.

Por sua vez, a zona homogênea do Pinhal Sul apresenta-se como uma zona expressiva a nível do limão. Encontra-se na fase de colheita. As condições climáticas proporcionaram uma boa produção, em termos de quantidade e com bom calibre. A produção aumentou 10%, em relação ao ano anterior, encontrando-se o preço médio pago ao produtor entre 0,35 € e 0,45 €, porém, a procura de limão ainda se mantém baixa. Quanto às laranjeiras aparecem dispersas, e, destinam-se ao autoconsumo não sendo usual fazer tratamentos. A laranja encontra-se no estado fenológico "C1" Crescimento dos gomos foliares. A produção de laranja em 2024 foi cerca de 10% superior à de 2023.

Nas **zonas do interior**, tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, os citrinos apresentam um aspeto vegetativo normal, com boa produção quer em termos de qualidade e quantidade.

Nas zonas homogêneas da Campina e Campo Albicastrense, da Cova da Beira e da Serra da Estrela, os citrinos evidenciam boa produção, dentro dos valores habituais, apesar de ser notória a perda de frutos devido aos ataques da mosca-do-mediterrâneo e posteriormente de míldio, cujas infeções foram facilitadas pelas picadas da mosca.





8-b – Produção de azeite: funcionamento dos lagares; qualidade do azeite e fundas.

Nas **zonas do litoral**, os lagares já terminaram o seu funcionamento no mês de dezembro.

No Baixo Vouga, a qualidade do azeite foi idêntica ao ano anterior. A funda foi de 12%, valor considerado normal para a região.

Na zona homogênea do Baixo Mondego, a azeitona colhida e o azeite produzido apresentam qualidade inferior em relação ao ano passado. Em termos quantitativos, o azeite produzido foi cerca de 10% inferior ao do ano anterior e, a funda foi de 12%.

No Pinhal Litoral, a generalidade dos lagares funcionou desde meados de setembro a final de outubro. A qualidade do azeite baixou comparativamente à campanha do ano anterior, registando-se um aumento da acidez do azeite à medida que a laboração progredia no tempo. O azeite produzido no início da campanha, apresentava uma acidez inferior a 0,5º com relatos de problemas na estabilização da cor e, com o decorrer do tempo a acidez aumentou para valores próximos de 1,5º, com impacto no preço do azeite. As fundas, ficaram entre os 10 % e os 8% (média 9%).

Nas **zonas de transição**, no Pinhal, a campanha da azeitona realizou-se maioritariamente durante o mês de outubro, sobretudo na primeira quinzena. A precipitação que foi ocorrendo durante o mês, obrigou a uma colheita precoce, de modo a evitar que a azeitona se estragasse ainda mais, devido à gafa. Nesta fase, o fruto acabou por fundir pouco, quer pela humidade que o fruto trazia, quer por ainda não estar no máximo teor de gordura. Para os produtores que optaram por colher mais tarde, nomeadamente no decorrer do mês de novembro, obtiveram melhores fundas, mas, com graus de acidez muito elevados, devido à pouca qualidade do fruto. Os olivicultores que efetuaram tratamentos fitossanitários oportunos puderam gerir melhor o momento da colheita, adiando a apanha para depois do período de maior precipitação, tendo menor queda de fruto e uma produção mais sã, obtendo azeites com um grau de acidez inferior ao grosso dos olivicultores. Todos os lagares da zona laboraram, e a quantidade de azeitona foi ligeiramente superior ao ano anterior, mas ainda longe de um ano considerado normal. O valor do litro de azeite diminuiu, face ao período homólogo. O olival já reiniciou o seu ciclo anual, que se encontrava naturalmente inibido pelas baixas temperaturas. É observável a nova rebentação com alguns centímetros, sendo já possível identificar-se nalguns casos os gomos florais nos ramos do ano anterior.

No Alto Mondego e na Beira Serra, a quantidade de azeitona produzida foi semelhante ao ano anterior, mas a qualidade entregue para laboração nos lagares foi má originando baixas fundas e acidez elevada.

No Pinhal Sul, a produção de azeitona para azeite foi cerca de 30% inferior ao ano anterior. Os olivais foram fortemente atacados pela gafa, diminuindo substancialmente a quantidade da azeitona para laborar, bem como a qualidade do azeite. A produção de azeites extra virgem foi diminuta. A maioria do azeite teve uma acidez acima dos 2º pelo que foi classificado como lampante. O rendimento da

azeitona também foi menor. A média das fundas na campanha em vários lagares da região foi de 8,6 kg de azeitona por 1 litro de azeite, com um rendimento de 11,57%.

Quer no Alto Dão-Lafões quer no Baixo Dão-Lafões, os lagares funcionaram normalmente, tendo terminado a campanha um pouco mais tarde no Alto Dão Lafões. Apesar das condições meteorológicas ocorridas nos meses de outubro e novembro terem beneficiado a cultura do olival, nomeadamente bom desenvolvimento e enchimento da polpa, a azeitona entregue nos lagares tinha características muito distintas, uma ainda verde, outra seca (sem dureza). Verificou-se um acréscimo de 30% na produção de azeitona para azeite no Alto Dão-Lafões, e um decréscimo de 10% no Baixo Dão-Lafões devido, nomeadamente, à gafa. Relativamente às fundas, no Alto Dão-Lafões a funda média foi da ordem de 12% e, no Baixo Dão-Lafões a funda média foi de 11%.

Nas **zonas do interior**, na Campina e Campo Albicastrense, salvo algumas situações, e no geral, o rendimento em azeite foi superior ao ano anterior. Nesta campanha, a gafa instalou-se mais cedo do que o habitual o que originou nos olivais não tratados maior perda da qualidade da azeitona e consequentemente do azeite. No geral, coexistem azeites de boa qualidade, provenientes de azeitonas sãs, sobretudo com origem em olivais tratados em termos fitossanitários, a par de outros azeites de qualidade inferior, produzidos com azeitonas deterioradas na sequência dos ataques de gafa. Em certos lagares começa a haver interesse em iniciar a laboração mais cedo do que o habitual, colhendo-se a azeitona antes do aparecimento da gafa e assim favorecer a qualidade da azeitona e por conseguinte do azeite.

Tanto em Riba Côa como em Cimo Côa, foi um bom ano para a produção de azeite, havendo uma boa produtividade e qualidade. De início e devido à colheita se ter iniciado muito cedo, as fundas eram algo fracas, também porque a azeitona estava cheia de água, mas no final da campanha, verificou-se uma boa funda, em média nos 15%.

Na Serra da Estrela e na Cova da Beira, no tocante à azeitona para azeite, a quebra na produção foi global, estimando-se numa redução de 15% em ambas as zonas homogêneas, relativamente a 2023, associada a uma redução de qualidade na azeitona oriunda de olivais que não foram tratados contra a mosca e gafa. Esta situação deu origem a quebras acentuadas quer na produção viável, quer no rendimento em azeite e um aumento generalizado na acidez do mesmo.



ANEXO I

Zonas Homogêneas		Concelho	Local	Precipitação acumulada (mm)	N.º de dias com precipitaç	Temperaturas Médias (°C)		
				01 a 28/02	01 a 28/02	Máx.	Min.	Média
ZONAS DO LITORAL	Baixo Vouga	Águeda	Águieira	-	-	-	-	-
		Anadia	Arcoz	10,6	5	16,7	6,8	11,5
	Baixo Mondego		Pedralvites	-	-	-	-	-
		Cantanhede	Poço Lobo	58,0	17	16,5	6,0	10,8
		Montemor-o-Velho	Associação de Beneficiários da Obra de Fomento Hidroagrícola do Baixo Mondego	47,6	20	17,6	6,8	11,7
		Coimbra	Cooperativa Agrícola de Coimbra	67,2	21	17,5	6,5	11,6
		Montemor-o-Velho	Cooperativa Agrícola de Montemor-o-Velho	62,8	20	17,1	7,2	11,7
		Coimbra	Instituto Politécnico de Coimbra	69,4	20	17,3	6,5	11,4
	Pinhal Litoral	Batalha	Branças	63,6	13	17,3	5,9	11,4
		Porto de Mós	Casal do Alho	-	-	-	-	-
Pombal		Abiul	15,4	6	16,8	7,3	11,6	
	Leiria	Regueira de Pontes	-	-	-	-	-	
ZONAS DE TRANSIÇÃO	Pinhal	Lousã	Quinta do Conde	48,2	14	21,6	5,4	11,5
		Miranda do Corvo	Cerdeira	-	-	-	-	-
		Ansião	Freixo	1,6	8	15,8	5,9	10,5
	Beira Serra	Nelas	C. E. Vitivinícolas	47,1	17	15,6	6,3	10,4
	Alto Dão-Lafões	Viseu	Estação Agrária	59,6	15	14,6	4,0	9,0
	Baixo Dão-	Tondela	Quinta das Tílias	78,8	12	17,0	6,3	10,9
	Alto Mondego	Gouveia	Nabais	25,8	11	15,7	4,7	9,6
	Pinhal Sul	Sertão	Cernache	58,0	15	15,3	4,4	9,6
		Proença-a-Nova	Chão-do-Galego	-	-	-	-	-
		Oleiros	Oleiros	55,8	18	13,2	4,7	8,6
ZONAS DO INTERIOR	Riba Côa	Mêda	Longroiva	32,8	13	15,9	3,1	8,7
		Pinhel	Pinhel	28,6	15	14,1	1,4	7,5
		Trancoso	Trancoso	43,6	16	11,3	3,5	6,9
	Serra da Estrela	Celorico da Beira	Carvalheda	38,6	13	14,9	2,9	8,7
		Guarda	Relvas	34,2	10	14,9	3,3	9,0
	Cimo Côa	Sabugal	Martim Rei	28,2	11	12,1	1,3	6,6
		Almeida	Almeida	17,0	14	13,0	3,2	7,8
	Cova da Beira	Belmonte	Belmonte	33,6	13	15,1	1,9	8,1
		Covilhã	Lamaçais	43,6	13	15,6	2,5	8,4
		Fundão	Brejo	42,0	12	14,6	3,5	8,6
			Alcongosta	71,2	9	12,6	5,4	8,6
			Fadagosa	38,8	10	15,3	4,8	9,7
	Campina e Campo	Idanha-a-Nova	Várzea	44,2	9	16,7	2,9	9,3
Penamacor		Assoc. B. Cova Beira	22,2	14	14,9	2,1	8,0	

Fontes: INMAF - REGA - RUMF.

*AROFEM

ANEXO II

DISPONIBILIDADE DE ÁGUA NAS ALBUFEIRAS DOS APROVEITAMENTOS HIDROAGRÍCOLAS														
28/02/2025														
Concelho	Albufeira	Cota (NPA)	Vol. total (NPA) - hm3	Vol. morto - hm3	Vol. útil - hm3	Armazenamento total					Armazenamento útil		Descargas nos últimos 7 dias	
						Cota actual	Actual (hm3)	Última leitura (hm3)	Variação (hm3)	% ao NPA	Vol. útil armazen. - hm3	%	Descarregado r de Cheias	Caudal ecológico
Anadia	Porcão	104,00	0,102	0,004	0,098	104,00	0,102	0,102	0,000 ↔	100,0%	0,098	100,0%	sim	n.a.
Castelo Branco	Magueija	353,50	0,134	0,000	0,134	353,53	0,134	0,134	0,000 ↔	100,0%	0,134	100,0%	sim	n.a.
Figueira de Castelo Rodrigo	Vermiosa	684,80	2,200	0,050	2,150	684,75	2,166	2,131	0,035 ↑	98,5%	2,116	98,5%	não	não
Mortágua	Macieira	143,60	0,946	0,026	0,920	143,65	0,946	0,946	0,000 ↔	100,0%	0,920	100,0%	sim	sim
Oliveira de Frades	Pereiras	482,00	0,120	0,005	0,116	482,03	0,120	0,120	0,000 ↔	100,0%	0,116	100,0%	sim	n.a.
Pinhel/Trancoso	Bouça-Cova	577,00	4,867	0,183	4,684	576,63	4,635	4,616	0,019 ↑	95,2%	4,452	95,2%	não	sim
Sabugal	Alfaiates	801,00	0,854	0,204	0,650	801,00	0,854	0,854	0,000 ↔	100,0%	0,650	100,0%	sim	não
Vila Velha de Ródão	Açafal	112,60	1,746	0,000	1,746	112,68	1,746	1,746	0,000 ↔	100,0%	1,746	100,0%	sim	não
Vila Velha de Ródão	Coutada/Tamujais	131,00	3,891	0,591	3,300	131,01	3,891	3,832	0,059 ↑	100,0%	3,300	100,0%	sim	não
Viseu	Calde	547,20	0,589	0,033	0,556	547,23	0,589	0,589	0,000 ↔	100,0%	0,556	100,0%	sim	n.a.
			15,449	1,095	14,354	15,183	15,070			99,4%	14,088	98,3%		
OBSERVAÇÕES/OUTROS:														
n. a. (não aplicável) - barragens sem válvula de descarga do caudal ecológico; Calde e Coutada, por exemplo, garantem os caudais ecológicos com outras origens de água que afluem à zona imediatamente a jusante das barragens.														
Fonte: CCDRC/DIGRH														



WWW.CCDRC.PT

